



# Homero é que relata isto..

**P**ríamo julga-se o mais infeliz dos homens, por beijar a mão daquele que lhe matou o filho. Homero é que relata isto, e é um bom autor, não obstante contá-lo em verso, mas há narrações exatas em verso, e até mau verso. Compara tu a situação de Príamo com a minha; eu acabava de louvar as virtudes do homem que recebera, defunto, aqueles olhos... É impossível que algum Homero não tirasse da minha situação muito melhor efeito, ou, quando menos, igual. Nem digas que nos faltam Homeros, pela causa apontada em Camões; não, senhor, faltam-nos, é certo, mas é porque os Príamos procuram a sombra e o silêncio. As lágrimas,

se as têm, são enxugadas atrás da porta, para que as caras apareçam limpas e serenas; os discursos são antes de alegria que de melancolia, e tudo passa como se Aquiles não matasse Heitor.

Reproduzimos, na íntegra o capítulo CXXV, "Uma comparação", de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que reputamos um dos mais esclarecedores da construção dessa obra-prima. Para entendermos o porquê, é necessário irmos ao capítulo CXXIII, "Olhos de ressaca". Neste capítulo, vemos o início das suspeitas de Bento Santiago sobre uma possível traição de Capitu com o seu melhor amigo. Durante o velório Bento se sente tão comovido e emocionado quanto as outras pessoas que ali comparecem. Até o discurso

de elogio ao morto havia sido escrito, "com receio de que a emoção" o "impedisse de improvisar" (p. 233, todas as passagens são retiradas de ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977). No momento da encomendação e da partida do corpo, o desespero de Sancha, despedindo-se do marido, toma conta da cena. Só Capitu parecia serena, "parecia vencer-se a si mesma". Lágrimas, dor, consternação, desespero, confusão... Em meio à situação dramática, Bento Santiago tem tempo de olhar para a mulher e notar a particularidade de seus olhos de ressaca, notar que "Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fica, que não admira lhe saltassem ▶

FOTOS: INTERNET



► algumas lágrimas poucas e caladas...". Machado de Assis é sintético, de prosa enxuta que não se entrega ao exagero descritivo do Romantismo, com deveria ser. O parágrafo seguinte é de um poder de síntese impressionante, não só porque sem dizer diretamente ele mostra a desconfiança no espírito de Bento Santiago, mas também porque ele faz uma ponte com o capítulo XXXII, que se chama, não coincidentemente, "Olhos de ressaca":

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã (p. 233-234).

São frases curtas, sincopadas, ritmadas, com equilíbrio entre coordenação e subordinação, traduzindo o pensamento do narrador, que, diante da suspeita de algo, parece querer anunciar o descoberto aos poucos, aumentando a carga de tensão, de dramaticidade do texto, criando um clima de suspense, enredando o leitor na narrativa, fazendo-o tornar, mais uma vez, ao labirinto de seu texto e penetrar no outro capítulo "Olhos de ressaca". Bento Santiago cessa suas lágrimas, cessando também a dor e a compunção. A suspeita de uma possível traição toma o lugar da desolação que a perda do amigo havia causado.

No capítulo CXXII, "O enterro", Bento Santiago enquanto vai no tílbur para casa, de modo a preparar o discurso de elogio do amigo, recorda o tempo do seminário, momento em que começa-

ra a sua amizade com Escobar, uma "amizade, começada, continuada e nunca interrompida, até que um lance da fortuna fez separar para sempre duas criaturas que prometiam ficar muito tempo unidas" (p. 233). A frase é ambígua. Quem são as duas criaturas que prometiam ficar muito tempo unidas? Bentinho e Escobar? Bentinho e Capitu? Capitu e Escobar? Fica difícil saber, pois trata-se de uma reflexão sobre o fato acontecido, não sobre o que poderia acontecer. Para aumentar a ambiguidade, Bento Santiago faz referência a "um lance da fortuna", deusa associada à boa e à má sorte, um elemento imponderável na religiosidade greco-latina. A que lance da fortuna ele se refere? Ao afogamento de Escobar? À observação dos olhos de Capitu? A ambiguidade se completa com o título do capítulo CXXI, em que se anuncia a morte do amigo, "Uma catástrofe"... Ora, catástrofe, literalmente, é a volta que leva para baixo. A catástrofe, portanto, seguindo a nossa linha de raciocínio, está mais ligada às desconfianças, que levarão as relações de Bento Santiago e Capitu para baixo, do que à morte de Escobar, vez que o sentimento de dor e compunção de Bento Santiago desaparece com a observação dos gestos de Capitu, apaixonados e furtivos, dando lugar a um outro sentimento, o de mal-estar causado pelas dúvidas que surgiam em um homem que estava para fazer o discurso de elogio ao amigo morto, o mesmo amigo que talvez o tivesse enganado conquistando-lhe a mulher:

Maquinalmente, meti a mão no bolso e saquei o papel e li-o aos trambolhões, não todo, nem seguido, nem claro; a voz parecia-me entrar em vez de sair, as mãos tremiam-me. Não era só a emoção nova que me fazia assim, era o próprio texto, as memórias do amigo, as saudades confessadas, os louvores à pessoa e aos

seus méritos; tudo isto que eu era obrigado a dizer e dizia mal. Ao mesmo tempo, temendo que me adivinhassem a verdade, forcejava por escondê-la bem (p. 234-235).

Esforçar-se por esconder a verdade, eis o que Bento Santiago faz ao longo do livro, mas deixando as pistas para quem souber vê-las... No capítulo CXXIII, "Olhos de ressaca", conforme já dissemos, há uma recuperação do capítulo XXXII, que é homônimo, ocorrendo uma fusão das definições a respeito do olhar de Capitu, a de José Dias, um tanto redundante – "olhos de cigana oblíqua e dissimulada" (p. 102) –, e a de Bentinho – "olhos de ressaca" (p. 114). No primeiro dos capítulos "Olhos de ressaca", Bentinho vai à casa de Capitu para observar seus olhos e ver se eles poderiam se enquadrar na definição que José Dias dera deles. Ao mirar os olhos da amada, a paixão o faz pensar numa definição poética, mas o estilo impõe uma definição exata. Assim, surgem os "olhos de ressaca", olhos dotados de um "fluido misterioso e enérgico, uma força que arastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca"; olhos de cujas pupilas parecia sair uma onda "cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me" (p. 114).

No segundo capítulo homônimo, Bento Santiago funde os olhos de ressaca com os de cigana oblíqua e dissimulada. Está completa a Capitu, enxugando as lágrimas "depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala" e de olhos "grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã" (p. 233-234). Nesta fusão revelam-se, pois, dois fatos: os olhos de ressaca do capítulo XXXII já antecipam o quanto perigosa Capitu é. Não se trata apenas de paixão de Bento e de uma idealização dos olhos da amada, mas de antecipar ao leitor os olhos sedutores e atraídos de Capitu – "Para não ser

▶ arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me” –, o que vem confirmar-se no capítulo CXXIII. Em segundo lugar, a importância do *olhar* para a compreensão da narrativa. Olhando para Capitu no velório do amigo, Bento Santiago dá início às suas desconfianças; desconfiado, tem que dissimular para não ser objeto dos olhares dos outros. A narrativa ganha outro caminho: antes das desconfianças, a emoção da perda do amigo, o discurso escrito para melhor louvá-lo, sem ser traído pela emoção; depois das desconfianças, o mal-estar, dizendo mal o discurso, porque obrigado a dizê-lo, afinal as pessoas não deviam desconfiar que Bento Santiago estava sendo consumido por desconfianças... E aí vemos chegando ao capítulo CXXV, “Uma comparação”, o fio de Ariadne que nos conduzirá para fora do labirinto (podes muito bem, prezado leitor, voltar ao início deste ensaio, onde o dito capítulo já foi transcrito).

Tentemos entender o capítulo. Ao criticar-se impiedosamente, Bento não ataca apenas o mundo, a sociedade, as instituições etc., ele se torna um protagonista cheio de contradições calculadas, o que, por sua vez, faz a sua narrativa mais rica, porque depõe contra o narrador e nos faz suspeitar das informações dele. Suspeitando das informações de Bento Santiago, temos a possibilidade de desconfiar de todas as acusações que ele faz a Capitu. Assim, apesar de ser em primeira pessoa, *Dom Casmurro* tem momentos notáveis de insegurança do narrador, o que tira dele a pretensão de objetividade realista e de verdade última. Ora, sabe-se que entre o presente e o passado há um acúmulo de experiências novas que fazem com que o sujeito releia seu passado à luz do que já aprendeu e do que se condicionou a ver e a pensar



Machado de Assis c. 1905, pintado por Henrique Bernardelli

no presente. Portanto, a rememoração de uma experiência nunca é inteiramente realista, porque há momentos, mesmo inconscientemente, em que a visão do presente interfere no passado. Não é à toa que *Dom Casmurro* é um romance todo fragmentado, às vezes em pequenas quadras, umas às vezes sem aparente conexão necessária com as outras. Não há uma linearidade em Machado de Assis, como se ele tivesse a intenção de demonstrar, na própria montagem do romance, a impossibilidade de se resgatar plenamente a memória.

O pequeno capítulo de *Dom Casmurro*, exposto acima, é exemplar dessa diferença que apontamos. Começa com um despreocupado e desprezioso comentário literário, envolvendo Homero, prosa, verso, apenas para afastar o leitor da reflexão principal, que se encontra na comparação com Príamo, ao final. E Machado consegue este desvio, pois, geralmente, este é um capítulo que passa despercebido no romance. Príamo, na mitologia grega, é o rei de Troia, pai de Heitor, o guerreiro que mais impõe resistência e morte aos gregos, durante um momento da guerra poetizada por Homero, em *A Ilíada*. No final dessa epopeia, Heitor é morto por Aquiles, o maior de todos os guerreiros gregos. Para humilhar o inimigo vencido, Aquiles

tripudia sobre o cadáver de Heitor, ferindo o orgulho da realeza troiana, arrastando o corpo do herói morto pelo campo de batalha e prometendo deixá-lo insepulto, para servir de pasto aos cães e às aves. Compungido com a morte do filho, o velho Príamo, vê-se obrigado a ir até Aquiles e humilhar-se diante do herói grego, rogando-lhe o corpo do filho para que seja enterrado. Príamo, ajoelha-se, chora, beija a mão do assassino do filho, humilha-se enfim, em função do amor que sente pelo filho.

Ora, Machado de Assis não faz alusão a Homero apenas por elegância ou para demonstrar leitura dos clássicos, como fazem muitos parnasianos da sua época, nem para julgar que a sociedade é pouco culta, como se encontra nas estrofes 97 e 98 de *Os Lusíadas*, de Camões, aqui citado. A evocação da infelicidade de Príamo é em comparação com a condição de Bento Santiago. Lembremos que é Bento Santiago quem no enterro de Escobar faz o discurso em louvor às qualidades e às virtudes do morto. Lembremos, ainda, que é o momento imediatamente posterior ao em que Capitu olha fixamente para Escobar, com um olhar fixo, apaixonadamente fixo, como se seu olhar denunciasse alguma dor, alguma paixão pelo morto. Logo após o olhar comprometedor de Capitu, que, na concepção do marido, poderia estar tendo um caso de amor com Escobar, Bento Santiago vai elogiar, em discurso, exatamente quem provavelmente estaria possuindo-lhe a mulher. Por isso, ele lembra Príamo, obrigado a beijar a mão de Aquiles. Mas qual a diferença entre a humilhação de Príamo e a humilhação de Bento Santiago?

A humilhação de Príamo, na mitologia, se dá no passado. Não há um tempo presente na epopeia, ou seja, um narrador situado hoje e relendo o passado sob as condições que a atualidade lhe impõe. A situação de Bento Santiago é oposta, pois existem dois Bentos Santiago na história: o primeiro, situado no passado, ainda sem qualquer ▶

▶ suspeita de Capitu; o segundo, o narrador, que a cada dia amadurece sua convicção de ter sido traído pela esposa. Ou seja: quando Bento vai fazer o discurso de louvor a Escobar, ele ainda não se sente enganado por Capitu, apenas suspeita; só bem depois, com a crescente semelhança entre o seu filho (Ezequiel) e Escobar, é que ele começa a se sentir mal e duvidar da fidelidade de Capitu; no momento presente, em que conta a história, ele projeta o Bento Santiago que tem a convicção da traição, no Bento que, até o momento do enterro, apenas suspeitava de uma traição. Os dois Bentinhos então se confundem, mas podem ser perfeitamente distinguidos.

A humilhação de Príamo, na mitologia, é a humilhação de toda uma nação guerreira, arrasada por outra; a de Bento Santiago é fruto de uma reflexão que o persegue, que toma conta de sua vida ociosa e burguesa, até a velhice. Príamo, na mitologia, é humilhado externamente, aos olhos de todos, já que o destino de todo herói épico confunde-se com o destino de sua linhagem, mas é uma humilhação que engrandece e enobrece o velho rei, a ponto de despertar a admiração de Aquiles; a de Bentinho é bem particular, interna, já que ele vive isolado, numa prática ininterrupta de introspecções vazias. Portanto, ele só se sente um Príamo depois de muitas meditações sobre a mesma hipótese, o que faz dele, ficcionalmente, um Príamo falso. Como é falsa a pista que ele deixa para o leitor sobre a possível traição. Os Príamos de hoje “procuram a sombra e o silêncio. As lágrimas, se as têm, são enxugadas atrás da porta, para que as caras apareçam limpas e serenas; os discursos são antes de alegria que de melancolia, e tudo passa como se Aquiles não matasse Heitor” (p. 235). Esta declaração é de um cinismo sem conta. Ao fingir que nada acontecia, Bento Santiago engole a humilhação, em lugar de purgá-la. Prefere o silêncio, a lágrima enxugada atrás da porta, fazer de conta que Aquiles não



*Homero e seu guia, 1874, de William Adolphe Bouguereau (1825-1905)*

matou Heitor, em suma, nada aconteceu, pelo menos nada por que valha à pena se expor diante da sociedade. Sua humilhação o diminui aos olhos dele próprio. Ao mostrar-se hipócrita, sem atacar declaradamente a sociedade, Bento Santiago desmascara a sociedade hipócrita. Antes, o silêncio que a chacota pública. Confirmando a hipocrisia, a relação se desgasta e ele se separa de Capitu, mas uma separação disfarçada de viagem à Europa, onde Capitu permanece, morre e é enterrada. Jamais uma separação no Rio de Janeiro, onde Bento Santiago era advogado estabelecido. Mais do que um drama pessoal, baseado numa traição, o romance expõe a hipocrisia da sociedade. Os olhares são tudo, inclusive os falsos olhares...

É dessa falsidade que nasce o seu romance, o seu relato, o seu pronunciamento sobre os fatos. E mais importante do que a badalada dúvida sobre a traição é o conjunto das digressões que se situam no meio dos dois tempos do romance, entre o acontecido e o relatado. Ao longo dessas digressões, vão aparecendo sinais contra Bentinho, como esse trecho do capítulo “Convivas de boa memória”:

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a

alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes, e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvidado e confusão.

[...]

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim posso também preencher as minhas (p. 152-153).

Esse trecho é do capítulo LIX, quando o tema da “traição” ainda nem é tocado. Do LIX para o CXXIII, há mais de sessenta capítulos que não especulam nada sobre a infidelidade de Capitu. Seria preciso uma leitura retroativa para ver se há acusações sutis a Capitu, feitas pelo Bentinho adulto, antes de contar a experiência do Bentinho jovem que nada sabe das astúcias da esposa. Mas, como as reflexões do presente (inclusive esta da memória) estão entremeadas com a história do passado, o romance faz questão de confundir o leitor a todo momento. Não se trata de simples confusão entre a fidelidade ou não de Capitu, mas exatamente o contrário: é a confusão deliberada da memória de Bento Santiago, cujo esclarecimento mostraria o verdadeiro perfil psicológico e ético dele. Afinal, existe Capitu, que não seja a da memória do narrador? ❖

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB)